

ENTRE CONVERSAS, LINHAS E AGULHAS... E ARTETERAPIA

Braulio Pedroso Fonseca¹

RESUMO

O presente artigo visa a apresentar relatos de experiências feitas em sessões de Arteterapia realizadas com adolescentes do sexo feminino de um bairro da cidade de Canoas, com idades entre 14 e 17 anos, que sofreram abuso sexual em determinada fase de sua vida. As sessões de Arteterapia buscam amenizar certos males deixados intrínsecos causados por tais acontecimentos, também visando ao aumento da autoestima, analisando as reações psicoemocionais das alunas. Para isso, foram desenvolvidas quinze sessões com encontros semanais, que duravam de uma a uma hora e meia, para que fossem recolhidas informações e também, desde a primeira sessão, para conseguir reconstruir caminhos, a fim de que elas pudessem se sentir principalmente mais confiantes. Concluiu-se, com esta pesquisa, que as sessões de Arteterapia são um dos meios eficaz para a elevação da autoestima, a valorização própria e a reconstrução de caráter e confiança, pois, através da arte e da expressão plástica, consegue-se um maior retorno, alcançando um melhor resultado em experiências difíceis, superando tais obstáculos do passado e construindo uma nova trajetória de vida.

Palavras-chave: Adolescência. Abuso sexual. Arteterapia. Reconstrução.

ABSTRACT

This paper presents reports of experiments in art therapy sessions conducted with female adolescents of a neighborhood of Canoas city aged between 14 and 17 years who have been sexually abused at some stage of their life. Art Therapy sessions left seek mitigate certain intrinsic evils caused by such events, also aimed at increasing self-esteem, analyzing the psycho-emotional reactions of the students. To do this, fifteen sessions were developed with weekly meetings, which lasted one hour and a half, to chose the data and also, since the first session to be able to reconstruct the way, so that they could feel more through the art and artistic expression, we gets a higher return , achieving better results in traumatic experiences, overcoming such obstacles of the past and building a new pathway in the life.

Keywords: Adolescence. Sexual abuse. Art therapy. Reconstruction.

¹ Graduado em Artes Visuais pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA e Pós-graduado em Arteterapia pela Feevale. E-mail: bpf_rs@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O abuso sexual contra crianças e adolescentes hoje em dia é muito discutido, por ser um ato ainda muito praticado e cada vez mais depreciando inúmeras pessoas. O presente trabalho visa a apresentar o resultado conseguido através das sessões de Arteterapia com um grupo de meninas adolescentes moradoras de um bairro da cidade de Canoas/RS, com idades entre 14 e 17 anos. Essas meninas foram encaminhadas pela Orientação da escola em que elas estudam e na qual o acadêmico leciona e foram atendidas nas dependências da escola, local que já gerava segurança às alunas, por ser um ambiente conhecido por todas. Esses encontros tiveram como objetivo analisar, através das produções plásticas e das conversas, as reações psicoemocionais, aumentar a autoestima e, principalmente, conseguir obter a confiança perdida ao longo dos anos.

Nesse contexto delicado de ser trabalhado e conversado, a Arteterapia veio como uma opção tanto para essas meninas quanto quaisquer pessoas que possuam alguma problemática, pois as sessões de Arteterapia, através da expressão artística e plástica, além de desenvolver a criatividade, também conseguem um melhor resultado em conversas, tentando fazer com as pessoas consigam construir ou melhor reconstruir uma nova trajetória, um novo conceito de vida. Porém, esse percurso não é fácil, pois, quando se toca em feridas, muitas vezes, cicatrizadas, mas não sanadas, volta todo o passado à tona e retornam também pensamentos infelizes e, junto com eles, atitudes e comportamentos inadequados. Os encontros foram divididos em duas categorias: autorreconhecimento e reconstrução, pois as meninas precisavam, no primeiro momento, se conhecer e também tentar diminuir atitudes inadequadas junto com pensamentos ruins. E, no segundo momento, começaram a construir um novo caminho, para que ficassem marcados os novos comportamentos.

2 SITUAÇÃO DE RISCO

A situação de risco com crianças e adolescentes está ligada diretamente a riscos pessoais e sociais, abrangendo uma diversidade de temas e situações. Alguns temas a serem apontados são prostituição infantil, trabalho infantil, drogadição na infância, crianças e adolescentes de rua e violência e

vitimização infantil. Este último tema muito presente no cotidiano de vários adolescentes, inclusive, os estudados nesta pesquisa.

Estudos sobre fatores de risco identificaram variáveis constituindo adversidades crônicas em nível familiar, cujos efeitos cumulativos demonstraram estar significativamente associados com o desenvolvimento de alguma patologia infantil, tais como: (1) discórdia conjugal severa; (2) baixo nível socioeconômico; (3) famílias numerosas; (4) criminalidade paterna; (5) doença mental materna; (6) institucionalização da criança (Garnezy & Masten, 1994; Rutter, 1987, 1993, 1996).

Essa situação de risco está relacionada ao descaso de muitas famílias com relação aos seus filhos e também com o meio em que estão inseridos as crianças e os adolescentes.

3 ADOLESCÊNCIA

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), adolescentes são pessoas entre os 12 e 18 anos de idade, em que os traços de caráter e temperamento estão formando a identidade da não mais criança e do ainda não adulto. Essa fase é considerada por alguns autores a mais conflituosa, pois tudo que acontece com esses adolescentes é ao extremo. A maturação da libido e os órgãos genitais aptos à reprodução, a alteração na parte cognitiva: pensar sobre o pensamento, a fase crucial para a formação da identidade, mudanças de valores e critérios e oscilação de humor são algumas das muitas características da fase da adolescência. Nessa fase, ainda acontecem muitas microcrises em virtude de vários conflitos, pois não se trata mais de crianças nem de adultos para realizar certas coisas. E, com relação a isso, Knobel (1976) disse: "As típicas microcrises maníaco-depressivas marcam o processo de flutuação entre o luto pela perda da infância e as fantasias de realização futura [...]".

Adolescência é a idade na qual a pessoa forma seu sujeito e está vulnerável a todo e qualquer malefício que a sociedade tem a oferecer enquanto esse caráter não estiver maduro e formado. Também nessa fase da vida é que é formada a identidade. Erickson (1976) disse: "A adolescência é uma crise em que apenas uma defesa fluida pode superar um sentimento de fraude causado por exigências internas e externas". Por conta dessas

mudanças, acontece muita oscilação de humor e de temperamento, pois está se formando o ser humano, e este passa por muitas perguntas, sem muitas vezes saber as respostas. São muitas informações que chegam rápido demais, os adolescentes não são adultos, não são mais crianças, e inicia uma fase de dúvidas, pois quem são eles?

Sendo a fase final da formação da personalidade na adolescência, aparecem frustrações antigas e pendências das fases anteriores e estas retornam com maior vigor, pois, se não tiverem sido sanadas anteriormente, elas voltarão com maior força e se expandirão. Isso porque a adolescência é o período de revisão e, como já foi dito, de vários questionamentos, do que me tornei? E do que posso vir a ser? E essa insegurança está constantemente presente na vida dos adolescentes.

4 VIOLÊNCIA SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

Com a descoberta da sexualidade, o abuso sexual contra adolescentes viola as leis ou os tabus da sociedade pela idade acontecida e é definido como o envolvimento de uma criança e/ou um adolescente em atividade sexual que não compreende totalmente, sendo incapaz de dar consentimento, com um adulto ou outra/o criança/adolescente. Essa atividade sexual é destinada à gratificação ou satisfação das necessidades de uma pessoa, cuja relação com a criança seja responsabilidade, confiança ou força. Além do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), existem organizações que defendem as crianças e os adolescentes de violência doméstica, espancamento, tortura psicológica, constrangimento, isolamento e abuso sexual, tais como Abrapia (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), o Cedeca (Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente). O Cecria (Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes) e o Recria (Rede de Informação sobre Violência, Exploração e Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes) possuem banco de dados, documentos e pesquisas que descrevem os tipos de abuso sexual.

Entre as alterações comportamentais, destacam-se conduta hipersexualizada, abuso de substâncias, fugas do lar, furtos, isolamento social, agressividade, mudanças nos padrões de sono e na alimentação. Nas alterações cognitivas, baixa concentração e atenção, dissociação, refúgio na fantasia, baixo

rendimento escolar e crenças distorcidas, tais como a percepção de que é culpada pelo abuso, diferença em relação aos pares, desconfiança e percepção de inferioridade e inadequação. As alterações emocionais referem-se aos sentimentos de medo, vergonha, culpa, ansiedade, tristeza, raiva e irritabilidade.

As representações psíquicas de hétero e autodestruição bem como representações angustiantes, que aparecem em sonhos, devaneios, relatos de impressões e sensações do contato com outras pessoas e alucinações evidenciam o intenso sofrimento psíquico e a desorganização psíquica de quem é submetido à violência sexual.²

Para que certas patologias e traumas sejam amenizados antes que se agravem, é necessário procurar algum tipo de tratamento logo que o fato seja descoberto, pois, a cada dia que passa, a situação conflitante do paciente e/ou da pessoa abusada tende a se acentuar.

5 ARTETERAPIA E ABUSO SEXUAL

A Arteterapia é um processo terapêutico que se utiliza de diversas modalidades expressivas, como: artes plásticas, dança, teatro, música e poesia. Todas elas sempre foram usadas desde os primórdios da evolução como forma de expressão, mas há pouco tempo vêm sendo utilizadas como forma terapêutica que estimula o desenvolvimento da criatividade e da autoestima, prevenindo doenças e promovendo a saúde. A Arteterapia tem a capacidade de ajudar o indivíduo a desenvolver, em inúmeras possibilidades plásticas, suas imagens simbólicas de forma concreta, potencializando o ser criativo que existe no seu interior e situando-o no mundo externo, no meio social. Urrutigaray, em relação a esse fato, informa que:

A finalidade da arteterapia consiste em possibilitar a emergência de uma imagem imaginada transportada em imagem criada, a partir da utilização de materiais plásticos que cedem sua flexibilidade e maleabilidade a quem os utiliza para

² CROMBERG, Renata Udler. **Cena Incestuosa**: abuso e violência sexual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

expressar seus conteúdos íntimos. A ação de uma imaginação criadora é um passo viável, visível e objetivado que possibilita aproximar elementos ou realidades ocultas (inconscientes), a dimensões mais acessíveis de serem compreendidos, facilitando a conscientização dos mesmos. (URRUTIGARAY, 2008 p. 24-25).

Diferentemente dos métodos utilizados pelas psicoterapias até o século passado, quando predominava a verbalização, a Arteterapia tem como função, através das atividades expressivas, projetar, em imagens espontâneas, os sonhos e as fantasias do cliente, podendo sim ajudar na verbalização. Foi Margareth Naumburg, em 1941, que sistematizou a Arteterapia. A partir dos trabalhos espontâneos realizados com seus pacientes, desenvolveu sua teoria. Ela acreditava que qualquer pessoa, independentemente dos seus conhecimentos artísticos, poderia simbolizar concretamente seus conflitos internos, pois essas imagens estariam ligadas aos sonhos, às fantasias e às memórias da infância. Portanto, através da Arteterapia, pode-se chegar ao inconsciente pela via da representação real, desbloqueando suas dificuldades e facilitando, assim, a verbalização dos seus sentimentos, suas sensações e vivências. Para ela, o arteterapeuta não deve interpretar o trabalho do cliente, mas incentivá-lo a descobrir seu significado.

No Brasil, Osório César, em 1923, começou seus estudos sobre artes dos alienados no Hospital do Juqueri em São Paulo. Ele fazia uso da espontaneidade no trabalho e acreditava que o fazer arte já propiciava a cura por si só dos psicóticos com quem trabalhava. Mas foi a Dr.^a Nise da Silveira quem inovou o trabalho no Brasil em 1946. Criou a Sessão de Terapêutica Ocupacional no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, no Rio de Janeiro, e, em 1952, o Museu do Inconsciente, onde são conservados os trabalhos dos pacientes. Mantendo contato com Jung, para quem mandava os trabalhos para serem analisados, entendeu que as imagens geométricas circulares e ordenadas que eles pintavam era uma forma sintética de representarem sua história cultural armazenada no inconsciente coletivo, que é onde fica toda a experiência da raça humana. Percebeu que o mundo interior não era somente o universo da linguagem e que os trabalhos expressivos feitos no *atelier* eram verdadeiros catalisadores e

transformadores de emoções em imagens. Através dessas imagens, reconheceu que poderia manter uma comunicação com os pacientes e o valor autocurativo que os trabalhos proporcionavam a eles. Assim, Nise, com seu trabalho, abriu caminhos para outras pessoas que se interessavam pelo uso de recursos expressivos como forma terapêutica.

Maria Margarida de Carvalho, em São Paulo, com o livro "A Arte Cura?", Ângela Phillipini, com a Clínica Pomar, no Rio de Janeiro, Selma Ciornai, em São Paulo, com a formação em Gestalt terapia e outros pesquisaram, estudaram e trabalharam com a Arteterapia tendo o mesmo intuito: o de ajudar na compreensão e no tratamento de pessoas através da expressão artística, pois reconheceram que, a partir dela, se liberam energias psíquicas com um caráter simbólico surpreendente, que possibilita a passagem do inconsciente para o consciente direcionando-se para o "processo de individuação" (JUNG, 1984). Assim, o processo arteterapêutico vai transformando os conflitos e os afetos internos de forma certa, em que o paciente vai expressar sua singularidade e identidade criativa.

6 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, segundo Prodanov (2009), pois constitui-se em uma fonte de coleta de dados direta, visando a interpretar os fenômenos e atribuir os significados, permitindo uma melhor compreensão individualizada. Essa coleta se deu através de quinze sessões realizadas ao longo de cinco meses e de um questionário aplicado às participantes antes de iniciar as sessões, no qual elas responderam de maneira dissertativa algumas questões para um maior conhecimento e uma aproximação do pesquisador e das pesquisadas. Junto ao questionário, foi assinado pelos responsáveis e acordado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, no qual concordaram em participar da pesquisa, mantendo suas identidades no mais absoluto sigilo. As sessões de Arteterapia ocorreram uma vez na semana, com duração de uma hora cada sessão, e os participantes poderiam abandonar a qualquer momento que quisessem sua participação.

7 PARTICIPANTES

O grupo foi formado por quatro meninas com idades entre 14 e 17 anos. Todas alunas da mesma

escola, porém frequentando séries diferentes, apenas duas são colegas. As participantes estão adequadas ao propósito deste estudo por terem sofrido abuso sexual ao longo de suas vidas. O grupo foi encaminhado pela Supervisão Escolar e pela Orientação Escolar, constituindo-se então de meninas abusadas sexualmente na infância e/ou na adolescência e/ou com violência intrafamiliar e descaso por parte dos responsáveis.

8 CONTEXTO

Quando falamos em abuso sexual contra adolescentes, imagina-se que o local onde este contexto está acontecendo seria de extrema baixa renda. O local dos acontecimentos, um bairro da cidade de Canoas – RS, de classe média a classe média baixa, com alguns casos de classe baixa, no bairro, o que existe mais é o uso de entorpecentes e drogas pesadas, que podem vir a gerar algum tipo de abuso e violência, mas é nas rebarbas do bairro que essa atitude é mais comum, dentro do bairro em questão, não costumam surgir tais fatos. Porém, as quatro meninas participantes das sessões de Arteterapia não vivem essa situação. Apenas uma das quatro pode-se considerar de baixa renda, e as demais podemos considerar de classe média baixa.

Dentro da escola onde as sessões foram realizadas, a diretora comenta que há cerca de seis anos a escola passou a receber alunos com laudos do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente – COMDICA– de violência e abuso sexual.

A grande maioria dos casos que apareceram na escola durante esses anos foram de meninas. Hoje, há suspeita de um caso na escola de um menino que frequenta as séries iniciais. A irmã, que está em outra escola, foi abusada sexualmente, mas não se sabe ao certo se o irmão também sofreu o abuso, pois nunca foi dito nada à direção, uma vez que ele não apresenta nenhum tipo de problema aparente, comenta a diretora da escola. Alguns alunos já apresentaram problemas de relacionamento com os demais colegas e profissionais da escola, caso de uma aluna que não aceitou participar das sessões de arteterapia. Ela, por inúmeras vezes, sofreu ataques de fúria e total descontrole, sempre frequentando a escola muito agitada. O último ataque foi quando ela se deparou na escola com o abusador. Nessa vez, somente gritava e chorava, sem verbalizar nada. Além

dos casos atendidos pelo acadêmico e este de que não aceitou participar, não há na escola outros casos de abuso sexual e violência intrafamiliar de que a equipe diretiva ou a orientação tenha conhecimento.

Os atendimentos aconteceram na escola onde o acadêmico leciona e também local onde as meninas atendidas estudam, espaço esse cedido pela direção e escolhido também, pois, nesse ambiente, elas se sentiriam asseguradas pelo fato de ser um lugar conhecido delas.

9 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para coletar informações das participantes antes mesmo de iniciar as sessões de arteterapia, foi aplicado um questionário contendo onze perguntas dissertativas, para que acontecesse uma maior aproximação e conhecimento das meninas que iriam participar das sessões (modelo do questionário em anexo).

Nesse questionário, foi perguntado idade, algumas situações por que as meninas poderiam já ter passado, algumas atividades que elas gostariam de realizar, algum trauma vivido no passado com o intuito de tentar colher alguma informação antes mesmo de iniciar as sessões, e a primeira pergunta era como elas gostariam de ser chamadas quando mencionadas nas descrições das atividades arteterapêuticas. Outra pergunta que continha o questionário era se elas tinham interesse de realizar algumas sessões com outra participante.

10 RELATO DOS CASOS

Foram utilizadas quinze sessões arteterapêuticas, com atendimentos de uma vez por semana, com aproximadamente uma hora de duração cada encontro, completando sessenta horas de atendimento. Os horários foram combinados diretamente com cada participante.

11 GRUPO EM GERAL

O grupo estudado possuía muita diferença e semelhanças entre si, pois, das quatro meninas atendidas, três haviam sido abusadas por parentes próximos, ou pessoas ligadas à família, somente uma havia sido abusada por terceiros quando voltava do trabalho, sem ao menos saber a fisionomia do abusador. Todas moram no bairro onde está também situada a escola em que estudam, mesmo lugar onde as sessões foram realizadas.

As quatro meninas participantes não tinham qualquer relacionamento entre si, pois uma estuda no 7º ano e outra menina no 9º do Ensino Fundamental do turno da manhã. As outras duas adolescentes participantes ambas estudam no mesmo ano, 3º ano do Ensino Médio do noturno. Como os atendimentos foram individuais, nunca tivemos a caracterização de grupo, para poder avaliar o comportamento delas na presença de outras participantes. Apenas as últimas três sessões foram em duplas, pois foi perguntado a elas se havia o interesse de compartilhar ideias e talvez procurar construir um novo caminho.

Durante as quinze sessões, os encontros utilizariam material diversificado, muitas vezes, para livre escolha e, outras vezes, direcionado pelo acadêmico. Os encontros foram separados em duas fases. A primeira fase chamada de “Reconhecimento”, contendo sete sessões, e a segunda de “Reconstrução”, com oito sessões.

12 ESTUDO DE CASO

12.1 EDUARDA

Quando respondido ao questionário, a primeira participante preferiu ser chamada de EDUARDA, ela tem dezessete anos. Quando perguntada do que gosta de fazer, diz gostar de escutar música, ler livros, estudar, cuidar dos sobrinhos, que são três, pois moram com ela. Com relação às artes, diz gostar de escrever, pois na escrita libera vários sentimentos, escutar música e desenhar, apesar de não saber. Não trabalhava no momento e diz possuir namorado, porém é o primeiro. Ao ser perguntada se teria interesse de realizar encontros com mais participantes, diz ter vergonha e achar que não se sentiria à vontade. Também diz que as sessões de arteterapia ajudarão muito, pois, com os encontros, sua autoestima aumentará, poderá desabafar, quando for preciso, e não ficar mais sozinha como se sentia e ficar chorando por tudo. Ela espera que as sessões deixem mais confiante, acreditando nas pessoas, autoestima elevada, com vontade de viver e superar todos os problemas. Para finalizar, Eduarda diz que é uma pessoa que sofre com alguns preconceitos por causa da cor da pele. Também comenta que, dos nove aos treze anos, sofreu abuso sexual pelos dois irmãos, que na verdade são somente por parte de mãe, esta que, quando bebe e

fica alcoolizada, agride a adolescente por qualquer coisa. Ela diz aguentar tudo isso sozinha, pois o pai e as demais irmãs também não ajudam.

Eduarda é uma menina esforçada, dedicada e muito educada. Não aparenta ter sofrido qualquer tipo de abuso ou agressão. Somente pela aparência de tristeza, que era uma constante no rosto da adolescente. As sessões iniciaram em março do presente ano e algumas vezes falharam, ou seja, nem sempre aconteciam em sequência, pois aconteciam muitas faltas.

Os encontros foram divididos em dois módulos – reconhecimento e reconstrução – e, para isso, as sessões aconteceram numa ordem cronológica e crescente, passando por sete encontros da primeira etapa e oito da segunda, totalizando quinze encontros. Porém essas sessões terão sequência mesmo com o término da pesquisa, para que o trabalho começado no início do ano tenha continuidade, inclusive para seguir trabalhando alguns aspectos ainda em dificuldade.

A primeira etapa das sessões de autoconhecimento foi programada para que a aluna fosse, ao longo dos encontros, conhecendo a ela própria, coisa que era muito difícil, perceber-se, olhar para si. Nas três primeiras sessões, foi utilizado um espelho, para que, ao longo da atividade, ela pudesse se analisar, pois as perguntas que eram feitas foram: quem eu sou? Quem eu quero ser? E quem eu fui? Essas perguntas foram em sessões separadas, com técnicas diferenciadas, para iniciar a conversa e quebrar certos “gelos” que ainda havia entre o arteterapeuta e a aluna.

Dando sequência às sessões, as atividades a seguir foram de percepção corporal, na qual ela deveria perceber seu corpo, respondendo, através de um trabalho prático, quais transformações aconteceram ao longo do crescimento. Também aconteceram outras atividades arteterapêuticas, tais como o reconhecimento de como ela está se sentindo e evoluindo. Uma das atividades foi de construir um mundo, no qual ela estaria inserida, para saber qual era o mundo da aluna, o qual seria feito em círculo, lembrando uma mandala.

Na mandala, trabalham-se todos os complexos, que, segundo Jung, são conteúdos condensados, isto é, carregados de forte carga emocional. Eles ficam registrados em nossa memória celular,

ficam registrados também em nosso corpo físico, onde se concentra uma forte carga de tensão emocional.³

As sessões de arteterapia tiveram um ponto fundamental ao longo das sessões, que foi a construção de confiança, pois esse sentimento foi perdido quando o abuso sexual aconteceu. E esse foi o mais difícil e relutante anseio, pois ela acreditava que nunca conseguiria recuperar essa confiança junto com a autoestima.

A segunda etapa de reconstrução foi feita a partir da visualização das obras de arte do artista Leonilson, que foi um artista dos anos 90 e, em algumas de suas obras, bordava a sua vida, ou melhor, ele bordava a reconstrução de uma nova vida, depois de ter conhecimento de que era soropositivo. Após a aluna conhecer algumas obras do artista, foi iniciada uma sequência de bordados, nos quais ela deveria bordar com diversas linhas o que pretendia que acontecesse no seu futuro.

Essas foram as sessões mais importantes, pois a felicidade e o entusiasmo com que a aluna realizou os bordados ao longo das nossas conversas foi o que fez valer a pena todo e qualquer encontro realizado ao longo dos meses, uma vez que o principal foi ver os olhos brilharem quando a atividade foi proposta.

Quando tivemos nossa conversa inicial, foi combinado que conversaríamos enquanto ela bordaria, porém ela solicitou que não comentaria nada ao longo das sessões, que somente contaria o que tinha bordado depois de ter feito quase tudo. Respeitando-a, foi atendido o pedido da aluna, mas na condição de que conversaríamos na décima quinta sessão sobre tudo que havia sido bordado. Como foi combinado, na última sessão, foi conversado tudo que havia sido bordado. Em conversa, ela foi relatando que havia bordado um sonho de ter uma casa, uma boca, pois ela estava falando agora, encruilhada, porque às vezes se sentia indecisa, entre outros objetos bordados no tecido.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da arteterapia mostrou-se muito eficiente quando utilizado em sequência de sessões ao

longo dos meses, pois se tornou fundamental, principalmente no diálogo, facilitando na mediação de problemáticas e também no resgate de certos valores perdidos ao longo de sua vida, como autoestima, confiança e pensamentos positivos, melhorando a qualidade de vida da aluna.

Ao longo das sessões, pude perceber que a aluna ganhou autoconfiança para enfrentar os percalços da vida. Enquanto as atividades aconteciam, o amadurecimento e o fortalecimento foram consideráveis, pois, em diversas conversas, percebia-se que a aluna conseguia já enfrentar e ter certa maturidade frente a diversos problemas que eram muito comuns, tais como problemas familiares e de trabalho.

Essa reconstrução de confiança e da autoestima foi um percurso árduo. E também nem sempre sabemos aonde chegaremos, pois a arteterapia nos proporciona diversas vertentes e caminhos, porém a única certeza é de que, se a pessoa quer mudar, quer reconstruir uma nova trajetória, mais do que nunca esse método é de suma importância e, com toda certeza, é muito eficaz.

Os laços conquistados, ao longo dos encontros, entre o pesquisador e a aluna foram extremamente importantes, pois, para ela, ter confiança para relatar certos fatos ocorridos ao longo da trajetória de vida foi fundamental. A proximidade alcançada nas conversas e na relação interpessoal não poderia ter sido melhor, ainda mais que a aluna estava e ainda está muito disposta a mudar e querer amenizar todas as problemáticas sofridas juntamente à extrema vontade de crescer e amadurecer, reconstruindo uma nova vida.

REFERÊNCIAS

BLAUTH, Lurdi; WOSIACK, Raquel Maria Rossi.

Terapias expressivas ou arteterapia: vivências através da arte. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

CIORNAL, Selma. **Percursos em Arteterapia:** arteterapia e educação e arteterapia e saúde. São Paulo: Summus, 2005.

JUNG, C.G. **Psicologia do inconsciente.** São Paulo: Editora Vozes, 1984.

³ SANTA CATARINA, Maida. **Mandala:** o uso na Arteterapia. Rio de Janeiro: Walk Ed, 2009, p. 28.

MONTERIO, Dulcinéia da Marta Ribeiro.
Arteterapia: arquétipos e símbolos; pintura e
mídia. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2009.

PAÍN, Sara. **Fundamentos da Arteterapia.** Rio de
Janeiro: Vozes, 2009.

SANTA CATARINA, Maida. **Mandala:** o uso na
Arteterapia. Rio de Janeiro: Walk Ed, 2009.

WOSIACK, Raquel Maria Rossi. **Intervenções
expressivas no contexto terapêutico.** Novo
Hamburgo, Feevale, 2010.